

## A MEMÓRIA DE UM “FILHO PRÓDIGO”: ANÁLISE DO POEMA DE JOAQUIM CARDOZO

Samuel Carlos Melo(PG-UFMS/CAPES)

### RESUMO

Este trabalho tem como objetivo efetuar análise do poema “Filho Pródigo”, do poeta pernambucano Joaquim Cardozo (1897 – 1978), da coletânea “Mundos Paralelos” (1970) reunida em *Poesias Completas*, publicada em 1971. Para isso, primeiramente, se fará uma breve introdução com informações sobre o poeta, o seu contexto de produção e a relevância de sua figura para outros poetas para, por fim, partir para análise do poema já citado, observando a peculiaridade de sua construção e o possível efeito de sentido oriundo dessa estrutura. Com isso, crê-se que esta análise poderá contribuir não só para a leitura do poema em questão, mas, também, da poética de Joaquim Cardozo, ainda de escasso estudo.

**Palavras-chave:** *Joaquim Cardozo; literatura brasileira; poesia brasileira.*

### ABSTRACT

This work has as objective the analysis of the poem "Filho Pródigo" from poet from Pernambuco Joaquim Cardozo (1897 - 1978), from the compilation "Mundos Paralelos"(1970) collected in *Poesias Completas*, published in 1971. To do this, first, be made with a brief introduction about the poet, the context of its production and its relevance for other poets to figure finally starting to analyze the poem cited above, noting the peculiarity of their construction and possible sense effect resulted from this structure. Thus, it is believed that this analysis can contribute not only to read the poem in question, but also the poetics of Joaquim Cardozo, still scarce study.

**Keywords:** *Joaquim Cardozo; Brazilian literature; Brazilian poetry.*

## 1. INTRODUÇÃO

Joaquim Cardozo nasceu em Recife, no dia 26 de agosto de 1897, num grande sítio localizado em terras do histórico engenho Madalena, falecendo em Olinda, no dia 4 de novembro de 1978. desenhista professor universitário, engenheiro civil e editor de revistas especializadas em arte e arquitetura. De acordo com Everardo Norões, trata-se de um verdadeiro “humanista”:

Engenheiro e matemático; poliglota conhecedor de 15 idiomas; sintonizado, desde a juventude, com todas as inovações da ciência e da literatura; humanista permanentemente preocupado com as grandes questões brasileiras; poeta que utilizou recursos de uma temática regional sem desprender-se do sentimento de universalidade: Joaquim Cardozo foi uma espécie de homem-universo, um humanista no sentido mais clássico (CARDOZO, 2008, p. 11).

Fernando Py acrescenta sobre a biografia do poeta:

Fez o curso primário com o irmão mais velho, José Maria, o qual, à época, escrevia versos, e que faleceu muito moço. Mais, tarde, passou Cardozo ao Ginásio Pernambuco, no curso secundário, logo abandonado devido a uma recente lei de ensino; fez, então, os preparatórios na Escola de Engenharia de Pernambuco. Ao ser sorteado para o serviço militar, em 1919, abandonou igualmente o curso de engenharia; somente nove anos depois retomaria o curso e obteria o diploma de engenheiro civil. Entre os vários trabalhos de engenharia realizados estão as estruturas de equilíbrio de alguns projetos de

Luiz Nunes, arquiteto carioca que fundou, no Recife, a DAU (Divisão de Arquitetura e Urbanismo) (PY, 1972, p. 161).

Em 1940, Cardozo chega ao Rio de Janeiro e passa a trabalhar com arquitetos modernos como Fernando Brito, Jorge Moreira, Marcos Konder e, principalmente, Oscar Niemeyer. De acordo com Py (1972), Cardozo foi convidado por Niemeyer para trabalhar e “[...] colaborou com vários outros engenheiros, seus auxiliares (entre os quais Samuel Rawet e Victor Fadul), na execução dos edifícios do centro cívico de Brasília: palácios do Parlamento, do Planalto, da Alvorada, do Itamarati e etc.” (p. 162).

## 2. O POETA E SUA PRODUÇÃO

Há registros de poemas de Joaquim Cardozo desde 1925. No entanto, o seu sentimento de timidez e modéstia, registrado por Drummond no prefácio de *Poemas* (1947), contribuiu para que sua primeira obra só fosse publicada em 1947, aos 50 anos de idade, por iniciativa de amigos:

[...] O primeiro livro de Cardozo, *Poemas*, foi publicado por iniciativa de alguns amigos, em 1947, pela Editora Agir. Contém quarenta e duas peças. *Prelúdio e elegia de uma despedida* apareceu em 1952, pelas Edições Hipocampo, em tiragem limitada. *Signo estrelado* (Livros de Portugal, 1960) compõe-se de vinte e oito títulos. O bumba-meu-boi *O coronel de Macambira*, foi publicado pela Civilização Brasileira em 1963, na coleção “Poesia Hoje”, volume 1, e já teve três representações: em Pernambuco, pelos estudantes da Escola de Belas Artes, em Juiz de Fora pelo TUFF e na Guanabara pelo TUCA. Recentemente a Editora Agir publicou outro bumba-meu-boi de Cardozo: *De uma noite de festa* (1971). (PY, 1972, p.162)

*Poemas* (1947) é a reunião de textos escritos ao longo de mais de duas décadas (1925-1947). Tal produção, aparentemente, escassa, rendeu a Joaquim Cardozo o rótulo dado por Manuel Bandeira de um “poeta bissexto”, como relata Drummond:

Este livro reúne todas as poesias de Joaquim Cardozo, escritas de 1925 a 1947. São quarenta e três apenas. Justifica-se o título de “poeta bissexto” que ao autor conferiu Manuel Bandeira, sabido como bissexto é, essencialmente, o poeta de produção raríssima. Já foge à classificação, contudo, no que toca aos temas de sua necessidade, que não são os típicos do poeta escasso: a dor amorosa (uma delas particularizada) e a vida corriqueira. Os temas de Joaquim Cardozo são, antes, a Província e o Espírito (CARDOZO, 2008, p. 35).

Para Antônio Houaiss (apud PY, 1972, p.161) tal “bissexto”, na verdade, refere-se ao ineditismo da obra. O mesmo Houaiss, em prefácio às *Poesias Completas* (1972), considera Joaquim Cardozo como poeta dos de maior relevância entre os surgidos após os anos de 1930

Constam na bibliografia de Cardozo 13 obras: *Poemas* (1947); *Pequena antologia pernambucana* (1948); *Signo Estrelado* (1960); *Coronel de Macambira* (1963); *De uma noite de festa* (1971); *Poesias Completas* (1971); *Os anjos e os demônios de Deus* (1973); *O capataz de*

*Salema, Antonio Conselheiro, Marechal, boi de carro (1975); O interior da matéria (1976); Um livro aceso e nove canções sombrias (1981, póstumo).*

Tendo o Nordeste, em especial, o Recife, como matriz para o desenvolvimento de sua poética, Cardozo construiu uma poesia em que o metafísico, o onírico e o sobrenatural figuram atrelados a uma sensibilidade social, numa sintaxe que visa ultrapassar o real, conforme afirma Everardo Norões:

Por não permitir que ‘o espírito geométrico, presente em sua profissão de engenheiro, envolvesse em um cinturão racionalista o ser da história’, conforme assinalou tão bem César Leal, Joaquim Cardozo incorporou à sua poesia os achados da ciência de sua época. Ao buscar ultrapassar o real, rompeu os cânones da Física, empreendendo a viagem mítica cujo itinerário se desvela na “Visão do último trem subindo ao céu”, parte do longo poema intitulado *Trivium*, em cuja elaboração o poeta consumiu 18 anos (CARDOZO, 2008, p.12).

Fernando Py discorre sobre as características de Cardozo, destacando o tratamento de obra sobre questões sociais:

O que distingue, essencialmente, a poesia de Cardozo é sua constante preocupação no tratamento do tema, seja o Nordeste convulso, miserável, sedento de evolução social, seja o amor, e nele, uma atitude de confraternização, de entrega, de integração não exatamente na natureza circundante, mas de caráter racional, intelectual, de modo que o espírito e a matéria sejam um só; seja o mesmo espírito, livre, sejam as especulações sobre a existência e o pensamento humanos; seja esse mesmo espírito em associação com as diárias contingências do fazer/dizer, lembrando, até certo ponto, a dualidade que existe entre a obra acabada e as infinitas possibilidades de uma obra em constante progresso (PY, 1972, p. 164).

Em texto intitulado *Joaquim Cardozo e a Crítica*, Maria da Paz Ribeiro Dantas, ao concluir artigo em que traz opiniões de alguns críticos sobre as características da obra de Cardozo, afirma que:

Considerando-se a diversidade de fases da obra de Joaquim Cardozo, em que as opiniões citadas foram emitidas, como também as formações heterogêneas de seus autores, destaca-se o que há de comum na maioria delas: a empatia pela obra e o reconhecimento de um poeta em quem a consciência da linguagem alcançou um alto grau de elaboração. Expressando uma temática que reflete a preocupação com a terra e com o homem, Cardozo manteve tal preocupação em equilíbrio com as exigências de uma poesia voltada também para o rigor da forma (DANTAS, 2011, sp.)

### 3. INFLUÊNCIA

Joaquim Cardozo foi uma figura respeitada e admirada em todos os setores em que atuou. Na poesia, destaque-se a influência que exerceu sobre três grandes poetas brasileiros: Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto. São diversos os registros em que esses poetas, ao mesmo tempo em que apresentam a poesia de Cardozo, relatam sua admiração pelo poeta.

Em carta escrita à Gilberto Freyre, datada em 12 de dezembro de 1925, Rio de Janeiro, Manuel Bandeira expõe suas primeiras impressões sobre o poeta conterrâneo seu:

Do texto só li o artigo de Joaquim Cardozo [...] Quero ir bem devagarinho. O artigo de Cardozo... Aquele sacana me deixou o coração numa podreira. Que sujeito penetrante, vai entrando por a gente adentro, me conte alguma coisa dele. [...] Você me faz o favor de dar a ele este exemplar do meu livro? [...] (VICENTE, s.d., p.199).

Em “O que distingue um grande poeta”, manuscrito sem data com o poeta José Mário Rodrigues, Carlos Drummond de Andrade faz a seguinte consideração sobre o poeta pernambucano:

Se me perguntassem: “O que distingue o grande poeta?”, eu responderia: “Ser capaz de fazer o poema inesquecível”. O poema que adere à nossa vida de sentimento e reflexão, tornando-se coisa nossa pelo uso. Para mim, Joaquim Cardozo, entre os muitos títulos de criador, se destaca por haver escrito o longo e sustentado poema “A nuvem Carolina”, que é uma de minhas companhias silenciosas de vida (CARDOZO, 2008, p. 34).

No *Correio das Artes*, de João Pessoa-PB, em um artigo intitulado “Honras à Amizade”, datado em 07 de setembro de 1997, João Cabral de Melo expõe sua admiração pelo poeta e frisa a importância de Joaquim Cardozo na construção de sua poética:

Joaquim Cardozo foi um dos maiores poetas que conheci. No Recife, não tive oportunidade de conviver com ele, que havia sido expulso de lá pelo governo do estado. Mas, quando me mudei para o Rio, em fins de 42, passamos a conviver diariamente. Foi o homem mais culto que conheci na minha vida. Sabia até chinês. E isso dentro da modéstia que lhe foi sempre característica (CARDOZO, 2008, p.41).

Segundo João Cabral, Cardozo estava sempre compondo um poema. Para ele, mesmo sem ser modernista, a poesia de Joaquim Cardozo alcançou o verdadeiro estilo moderno no Brasil, e acrescenta: “É o maior pernambucano que conheci. Encorajei-me a escrever poesia pernambucana por causa do Cardozo. (CARDOZO, 2008, p. 41).

Apesar de ter se destacado na poesia (e em outros campos que atuou) ao ponto de impactar três grandes poetas como Drummond, João Cabral e Manuel Bandeira, fato que é possível notar nos comentários antes citados, Joaquim Cardozo foi, e continua sendo pouco lido, com seus poemas merecendo pequena atenção da crítica literária nacional, em comparação aos seus coetâneos.

#### 4. ANÁLISE

“Filho Pródigo” foi publicado em “Mundos Paralelos” (1970), coletânea de textos reunida em *Poesias Completas*, publicada em 1971:

FILHO PRÓDIGO

Minha mãe! Aqui estou.  
Velho, doente, já bem próximo da morte.  
À espera de um trapo de terra, de um molambo de lama  
Para cobrir o meu corpo contra o frio do vento,  
Que, feito em chuva, penetrará na terra de minha última carne.  
E tu, minha Mãe! se estiveres n'algum lugar  
De tua grande ilusão, não chores.

Cada vivo morre uma parte da morte de cada próximo.  
E o seu fim total terá quando morrerem todos os seus mortos;  
E o morto? Morre também em cada um dos vivos que morre.

Minha Mãe, aqui não estou para te chamar  
Mamãe, e para te pedir que venhas me perdoar;  
Estou aqui para te dizer que sempre estive em ti  
E que fui uma parte das muitas que tiveste:  
A parte mais humilde, mais simples, mais amarga. . . mais triste  
E, ao mesmo tempo, a mais severa, mais dura, mais firme e resoluta.

Minha mãe, dentro de mim, comigo, morrerás de novo.

Trata-se de um poema composto por 17 versos distribuídos em quatro estrofes irregulares (primeira com sete versos, segunda com três, terceira com seis e a última com apenas um verso) que não apresentam um esquema métrico e rímico regular, ou seja, são versos livres e brancos. O vocabulário utilizado em sua construção é simples, contendo palavras de sentidos comuns, em que se pode notar a presença de um regionalismo, a palavra “molambo”.

Feita essas observações gerais sobre a estrutura do poema, inevitavelmente esta análise partirá da consideração da significância do título do poema. Como se pode notar, “Filho Pródigo” faz referência à “Parábola do Filho Pródigo”, passagem bíblica contida no capítulo 15 do evangelho segundo o apóstolo Lucas, especificamente do versículo 11 ao 32. Assim, tendo logo de início uma referência de grande influência na cultura ocidental, mostra-se relevante iniciar a análise pelo cotejo com o texto bíblico.

Neste texto o apóstolo relata uma parábola que teria sido proferida por Jesus em resposta aos Fariseus e Escrivas que murmuravam ante a sua relação próxima com os pecadores. A narração consiste na história de um homem que tinha dois filhos e, certo dia, o mais novo resolve requerer parte de seus bens que lhe eram de direito e partir para uma terra distante, onde gasta tudo de uma forma *dissoluta*. Ao encontrar-se na miséria, retorna à casa do pai, humilhado, pedindo-lhe perdão. O pai, ao ver o retorno do filho, alegra-se, o veste com a melhor roupa e faz um banquete para comemorar a volta do filho que julgava *morto*. O filho mais velho indigna-se por, mesmo sendo fiel ao pai, nunca ter sido merecedor de tamanha festa. O pai o contesta, explicando que o mais velho sempre esteve com ele e teve parte de tudo que era seu, porém o outro estava *morto* e ressuscitou.

Ou seja, trata do retorno homem pecador arrependido e a alegria de Deus (pai) ao recebê-lo e perdôá-lo.

É frequente o aproveitamento de textos bíblicos pela literatura. São diversos os exemplos em língua portuguesa. Destaquem-se poemas de Luís de Camões, como o soneto “Sete anos de pastor Jacó servia”, Machado de Assis, com *Isaú e Jacó*, e, mais recentemente, o tão polêmico *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, do português José Saramago.

Ao estabelecer um cotejo entre “Filho Pródigo” e o texto do evangelho de Lucas, é possível notar que há uma tensão no poema de Joaquim Cardozo que decorre da existência de modificações em relação à parábola a qual faz referência, como a análise agora tentará demonstrar.

A primeira modificação já pode ser observada no primeiro verso da primeira estrofe do poema: “Minha mãe! Aqui estou.”. Note-se que nesse verso tem-se um “eu” que evoca a sua mãe. Essa menção de uma “mãe” se repete no sexto verso da primeira estrofe, no primeiro e segundo verso da terceira estrofe e no último verso do poema. Assim, observe-se que, diferentemente da parábola bíblica, em que o filho se dirige ao pai, no poema de Cardozo é à mãe que o filho chama. Uma mãe que, ao contrário do Pai da parábola, em que o filho sabia exatamente onde encontrar, não se tem certeza de onde esteja (“se estiveres n’algum lugar”, verso seis da primeira estrofe).

Ainda na primeira estrofe, nota-se que também, diferentemente da parábola, “o filho pródigo” do poema se apresenta ao estar próximo da morte (“Velho, doente, já bem próximo da morte”, verso dois), ou seja, um “eu” ainda vivo em direção ao fim, enquanto no texto bíblico o filho estava morto para o pai e, ao retornar arrependido, “ressuscita” (alegoria ao arrependimento dos pecados perante Deus e à *vida eterna*). Outro ponto para destaque está em que, diferentemente da história bíblica em que o filho é recebido pelo pai como em um estado de “molambo” (decorrente da vida pecadora) e o este pede que lhe vistam com as mais belas roupas e jóias (versículo 22), no poema, o filho se diz estar “à espera de um trapo de terra, de um molambo de lama” (verso três, primeira estrofe). Note-se não só a inversão, mas também uso pelo “eu” das palavras “trapo” e “molambo”, que têm seu sentido ligado a “panos velhos”, às palavras “terra” e “lama”, causando um efeito em que a morte (representada em metonímia por “terra” e “lama”) aparece como vestimenta miserável, proteção contra a vida (“frio do vento”, verso quatro da primeira estrofe).

Na terceira estrofe, atente-se, primeiramente, para os versos um e dois: “Minha Mãe, aqui não estou para te chamar/ Mamãe, e para te pedir que venhas me perdoar”. Nesses versos é possível observar que, ao contrário da parábola, em que o filho retorna e pede desculpas ao pai por ter pecado contra ele, no poema o filho deixa claro que não veio pedir perdão. Em seguida, nos versos três e quatro, a fala do filho prossegue, evidenciando mais uma diferença: “Estou aqui para te dizer que sempre estive em ti/ E que fui uma parte das muitas que tiveste”. Aqui, percebe-se que

enquanto na parábola trata do retorno do filho que se ausentou do pai, o filho pródigo do poema de Cardozo afirma que sempre esteve com a mãe. Nos versos cinco e seis, o filho apresenta-se de caráter oposto ao da parábola: “A parte mais humilde, mais simples, mais amarga... mais triste/ E, ao mesmo tempo, a mais severa, mais dura, mais firme e resoluta”. Enquanto o texto bíblico relata que o filho viveu “dissolutamente”, o filho do poema diz ter sido “humilde” e “resoluto”.

Feito essas considerações sobre as modificações existentes no poema em relação à parábola, evidencia-se a existência de um processo de desconstrução do texto bíblico. Para aprofundamento desse processo, observe-se a segunda estrofe:

Cada vivo morre uma parte da morte de cada próximo.  
E o seu fim total terá quando morrerem todos os seus mortos;  
E o morto? Morre também em cada um dos vivos que morre.

Considerando as demais estrofes do poema de Joaquim Cardozo, percebe-se que a segunda parece “estranha”. Enquanto nas outras é possível identificar o discurso melancólico de um “eu” próximo da morte para sua mãe, nesta, o discurso é outro, explicativo, numa construção semelhante à dos silogismos: “[...] raciocínio dedutivo estruturado formalmente a partir de duas proposições, ditas premissas, das quais, por inferência, se obtém necessariamente uma terceira, chamada conclusão (p.ex.: ‘todos os homens são mortais; os gregos são homens; logo, os gregos são mortais’) (HOUAISS, 2001).

Posto isso, destaque-se outro ponto que se mostra relevante para o início de uma interpretação: a recorrência do vocativo “minha mãe” e do verbo *estar*. É notável que, com exceção da segunda, todas as estrofes iniciam-se com o vocativo “minha mãe”. Ele ocorre duas vezes na primeira estrofe (verso um e seis), duas vezes na terceira (verso um e no dois como “Mamãe”) e no único verso da última estrofe. Já o verbo *estar* aparece duas vezes na primeira estrofe (verso um no presente e em primeira pessoa com o advérbio de lugar “aqui” e verso seis no futuro em segunda pessoa com “n’algum lugar”) e três vezes na terceira (os versos um e três no presente e em primeira pessoa, sendo que naquele há a presença de uma negativa, e no final do verso três no pretérito perfeito e em primeira pessoa com o pronome oblíquo “ti”).

Assim, percebe-se que há na estrutura do poema um movimento reiterativo, de “retorno”. Primeiramente, isso se nota pela posição da segunda estrofe que, se considerarmos a última estrofe (de um único verso) uma parte desmembrada da terceira estrofe, divide o poema ao meio. Assim, sua construção explicativa, quase lógica, semelhante a um “silogismo”, implica uma releitura da primeira estrofe, considerando o que foi dita nesta segunda. Em segundo lugar, a recorrência do vocativo “minha mãe” e do verbo *estar*, materializando e reiterando a presença do “filho pródigo” e sua mãe.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, percebe-se que o poema de Cardozo tece uma consideração sobre a *memória*. Tendo como referência a parábola do filho pródigo, o poema utiliza-se de um processo de desconstrução do texto bíblico, em que a narração do retorno à vida do filho que havia “morrido” para pai (na concepção cristã, uma alegoria à vida eterna) dá lugar ao retorno à morte, na *memória*. A mãe, já morta, retorna pela memória do filho para participar de sua morte (morrendo novamente, última estrofe). O filho, por sua vez, diz “aqui estou” por estar retornando a uma morte já vivida em parte (também na memória) na morte de sua mãe. Uma espécie de clico que é expreso, como já foi dito, na estrutura do poema.

## REFERÊNCIAS

*BÍBLIA SAGRADA* com Cantor Cristão. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006.

CARDOZO, Joaquim. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

\_\_\_\_\_. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.

DANTAS, Maria da Paz Ribeiro. *Joaquim Cardozo e a Crítica*. Em: <http://www.joaquimcardozo.com/paginas/joaquim/depoimentos/critica.htm>>. Acesso realizado em: 09 de Janeiro de 2011.

HOUAISS. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss, 2001. Versão 1.0 CD-ROM. Produzido por Editora Objetiva Ltda.

PY, Fernando. Capítulo V. In: AZEVEDO FILHO, Leodegário Amarante de. (Org.). *Poetas do Modernismo: antologia crítica*. Vol. IV. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1972. p.159-213.

PY, Fernando. Capítulo V. In: AZEVEDO FILHO, Leodegário Amarante de. (Org.). *Poetas do Modernismo: antologia crítica*. Vol. IV. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1972. p.159-213.

VICENTE, Silvana Moreli. *Cartas provincianas*. São Paulo, s.d. p. 198-200. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira)- Campus de São Paulo, Universidade de São Paulo.